

ATLAS ECONÓMICO DA BÉLGICA,
COM BASE NO VALOR ACRESCENTADO

Preparado sob a orientação de C. VANDERMOTTEN, com a colaboração científica de J. R. SORTIA e J. P. GRIMMEAU, e prefácio de PIERRE GOUROU, o *Atlas Economique de la Belgique*, 112 p. (29,8 × 41,9 cm), foi editado pela Société Royale Belge de Géographie, pelo Laboratoire de Géographie Humaine da Universidade Livre de Bruxelas e pelo GEVERU-Groupe d'Etude pour la Valorisation de l'Espace Rural et Urbain, da mesma Universidade, com o apoio da Comissão do Atlas Nacional da Bélgica e da FEGEPRO — Fédération des Professeurs de Géographie. Está datado de Junho, 1983.

Na opinião de P. GOUROU, o Atlas é «um instrumento de informação que permite, num breve relance, adquirir conhecimentos precisos, quer sobre a economia geral da Bélgica, quer sobre as tendências da geografia económica local. Uma cartografia engenhosa sintetiza abundantes contribuições estatísticas, utiliza habilmente todos os recursos do preto-e-branco e alcança uma virtude evocativa de que a policromia não teria conseguido melhor» (p. 2). Mais adiante termina com o parágrafo seguinte: «Um Atlas comprova as evoluções mas não pode pesquisar as suas causas — a constância e a generalidade dessas evoluções mostra que as causas são profundas. Fica-se convencido disso pela consulta das cartas terminais do Atlas, cartas de síntese que exprimem os valores acrescentados por km², para as diversas rubricas do conjunto do sector secundário e do conjunto do sector terciário; e, enfim, o valor acrescentado total. Essas cartas merecem o exame atento, pela sua novidade e pela utilização prática que delas pode ser feita. Confrontadas com a carta das densidades da população, que judiciosamente se lhes juntou, elas dão uma ideia mais precisa da «densidade», do «peso», da «espessura» económicas. Há uma grande necessidade de tais noções, para o estabelecimento de uma geografia económica raciocinada. É muito necessário saber o número de pessoas por quilómetro quadrado, mas não é menos importante definir o seu peso económico na mesma área. Isso representa, em geografia humana, um avanço decisivo».

Uma introdução contém notas intituladas «Uma cartografia da contabilidade nacional» (p. 3-4), onde se recorda a definição de D. NOIN em «Essai d'établissement d'une carte économique de la France sur des bases comptables», *L'Espace Géographique*, 4, 1973, p. 257-265; «Valor acrescentado e produtos internos brutos ao custo dos factores», em que se condensam definições essenciais que estão na base da construção do Atlas; «A avaliação regional e provincial dos valores acrescentados», onde se incluem informações particulares sobre a obtenção de dados; «A avaliação comunal dos valores acrescentados», que, como a expressão indica, trata da utilização da base comunal; «As incertezas de um ensaio», que provêm, em larga medida, das deficiências conceptuais e de aplicação da contabilidade nacional; e «Uma cartografia inteiramente automatizada», pela qual foi possível a realização do Atlas em três anos, com cartas a preto-e-branco, geralmente na escala de 1:1 000 000.

A primeira parte do Atlas é constituída pela análise da economia belga através do estudo de vinte sectores de actividades (agricultura, 14 industriais e 5 terciários), nas 596 comunas (p. 5-86), com três cartas (na escala de 1:1 000 000) para cada um daqueles: o valor acrescentado por comuna, em círculos proporcionais, tendências sub-regionais recentes e densidade comunal da actividade em questão, expressa em francos por km². Assim, são tratados a agricultura, silvicultura e pesca; a extracção de carvão; as indústrias alimentar, de bebidas e do tabaco; as indústrias têxtil, da confecção e do calçado; as indústrias da madeira e do mobiliário; as indústrias do papel e da impressão; a indústria química; outras indústrias extractivas, do barro, do vidro e do cimento; a siderurgia e a primeira transformação de metais não-ferrosos; as fabricações metá-

licas; as garagens; outras indústrias manufactureiras; as da construção; produção, transporte e distribuição de água, de gás e de electricidade; comércio; serviços financeiros e seguradores; transportes e serviços; rendimentos de imóveis de habitação. Os quatro anos de referência utilizados foram os de 1955, 1962, 1970 e 1978. Junto de cada carta, textos, quadros e gráficos enriquecem a informação.

A segunda parte é composta por uma síntese, por ramos de actividades e por zonas (p. 87-91). Se as cartas do Valor Acrescentado da primeira parte representam já um interessante instrumento para o estudo analítico ramo por ramo, todavia pecam por duplo inconveniente. Por um lado, não estão adaptadas a uma comparação da importância relativa dos diversos ramos de actividade; por outro lado, a análise à escala comunal encobre, por vezes, pela sua própria minúcia, as tendências sub-regionais. Para ultrapassar essas dificuldades os autores utilizaram a representação de vinte cartas da Bélgica na escala de 1:2 000 000 (cinco em cada página), retomando a densidade do Valor Acrescentado de cada sector de actividade, mas desta vez mais por zona que por comuna, e segundo uma escala de densidades idênticas. O quadro da p. 87 reúne, em cinco colunas, as zonas (54) e, para cada uma delas, o Valor Acrescentado total/km² (referido em 10⁶ FB, ano de 1978), o Valor Acrescentado global (em 10⁶ FB, do mesmo ano), a superfície (em km²) e os principais sectores económicos (em percentagens).

A terceira parte é dedicada à «Geografia do primário, do secundário e do terciário» (p. 92-106), concebida de maneira paralela à primeira. Mas a análise já não é da vintena de ramos, mas dos três grandes sectores clássicos: primário (sem a extracção), secundário (compreendendo aquela, a construção, a água e a energia) e terciário, vistos separadamente e também como partes do conjunto da actividade económica. Tal como na primeira parte, é apresentada a carta dos Valores Acrescentados por comunas em 1978, a dos crescimentos dos Valores Acrescentados entre 1970 e 1978, por zona, e a das densidades de Valores Acrescentados por km². Gráficos e cartões oferecem informações de maior pormenor, difíceis de incluir nas cartas traçadas na escala de 1:1 000 000. Em alguns casos ainda se juntaram cartas em 1:2 000 000.

A quarta e última parte do Atlas tem três cartas em 1:1 000 000 e cinco em 1:2 000 000, permitindo as primeiras comparar o espaço da produção de Valor Acrescentado com o dos detentores de rendimentos, em vez do seu domicílio. Daí, não uma carta de densidades da população, mas sobretudo da repartição do rendimento por km², produto da densidade e do rendimento por habitante. Trata-se, deste modo, de uma distribuição de pessoas ponderada pela sua riqueza, com as reservas que impõem uma subestimação fiscal nas comunas mais agrícolas e naquelas em que a representação das profissões liberais é mais forte. Essa ponderação aparece sublinhada na carta dos rendimentos fiscais (em preços correntes de 1978) por km², em comparação com a das densidades da população, pelo escurecimento das periferias das grandes metrópoles, em particular das suas extensões mais residenciais. O estudo das componentes estrutural e espacial do crescimento das zonas (cartas a

1:2 000 000, p. 111) — isto é, da relação entre a evolução que teria conhecido a zona se, de 1970 a 1978, o crescimento de cada um dos ramos de actividade tivesse sido idêntico ao crescimento nacional de cada um deles e à evolução global do país — e da relação entre o crescimento real da zona e o crescimento que ela teria conhecido se a evolução de cada um dos seus ramos de actividade tivesse sido idêntica à evolução nacional desses ramos, enformam a análise dita de *shift and share*, interpretados os seus resultados com a devida prudência (p. 110-111). Na última página, a 112, vem uma carta com as 589 comunas definidas depois de 1 de Janeiro de 1983, contra as 596 que existiam, pela inclusão de 7 em Antuérpia.

Pode-se concluir que o Atlas apresenta, pela primeira vez, uma panorâmica integral da repartição das actividades económicas belgas e, ao mesmo tempo, a sua dinâmica, com base numa unidade comum e economicamente significativa: o Valor Acrescentado.

A cartografia, desenhada inteiramente por computador, a preto-e-branco, representa com justeza os fenómenos e relações tomados como alicerces da construção do precioso documento. O responsável é docente da Universidade Livre de Bruxelas e Presidente da Sociedade Real Belga de Geografia, especialista em geografia económica, numa perspectiva macroeconómica e histórica, e em problemas de organização territorial. Os dois principais colaboradores têm investigado em domínios da aplicação da informática à cartografia temática e da estratégia espacial das empresas.

ILÍDIO DO AMARAL